

## VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – QUEM CUIDA DOS PROFESSORES?

Patrícia Rosania de Sá Moura<sup>1</sup>  
Elizete Oliveira de Andrade<sup>2</sup>  
Jairo Barduni Filho<sup>3</sup>  
Judilma Aline de Oliveira Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

A categoria docente, seja da educação básica ou superior, sempre foi assunto de questionamentos, críticas, pesquisas e publicações. E se faz necessário porque nossa atuação/formação precisa ter como premissa o inacabado, o eterno refazer, reconstruir, ir e vir numa perspectiva freiriano. O presente artigo reflete sobre a formação dos professores com recorte para a temática da violência nas escolas. Visa compreender os possíveis agravos à saúde psíquica desses profissionais, como a Síndrome de *Burnout* ou o estresse pós-traumático, sobretudo face à escalada de violência ocorrida recentemente em algumas escolas brasileiras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que parte de uma revisão bibliográfica sistemática, com objetivos exploratório e explicativo, em livros e obras congêneres a fim de identificar se a base da formação de professores atual se alicerça numa educação transformadora/emancipadora, imbricada com temáticas sociais e coletivas e ainda, “letrados digitalmente”, bem como a realização de um levantamento dos tipos de violência ocorridos em algumas escolas e as possíveis repercussões na saúde psíquica dos professores. A questão norteadora “quem cuida dos professores?” dialoga com a multirreferencialidade uma vez que sinaliza a reflexão por meio da complexidade, diversidade e pluralidade em que o tema se encontra. Como resultados, se evidencia a necessidade de uma formação de professores que, para além do domínio de conhecimentos técnico-pedagógicos, os capacitem para a gestão de conflitos, gestão do estresse e o desenvolvimento de habilidades sociais. Cabe ainda fornecer aos professores um suporte emocional, e repensar as políticas educacionais para assim, ter mais recursos no enfrentamento dos desafios em sua prática.

**Palavras-chave:** Formação de professores, Violência na escola, Saúde psíquica.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, podemos afirmar que, no Brasil, um fenômeno tem crescido assustadoramente: a violência contra professores por pais e alunos, que tem sido cada vez mais destaque nas mídias televisivas e online. Na verdade, trata-se de um fenômeno que tem vitimado em sua grande maioria professores dos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

O objetivo principal deste artigo foi compreender a função do docente e o seu papel em um contexto social que vem adoecendo cada vez mais, seja pelas desigualdades sociais

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, professora da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, patricia.rosania@uemg.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, professora da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG/Carangola, elizeteprofessora@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação, professor da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, jairobardunifilho@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Educação, professora da Faculdade Machado Sobrinho - Juiz de Fora, MG, judilma@gmail.com

seja pela falta de políticas públicas que acomete toda a categoria dos profissionais da educação.

Parte-se, portanto, de algumas perspectivas, a saber: a) compreender a função enquanto categoria e como tal, independentemente do segmento que atua, seja da educação básica ou superior, a função docente sempre foi assunto de questionamentos, críticas, pesquisas e publicações; b) a atuação/formação precisa ter como premissa o inacabado, o eterno refazer, reconstruir, ir e vir como preconiza a linha freiriano. Destarte, pretendeu-se refletir sobre a formação dos professores com recorte para a temática da violência nas escolas. Como, também, compreender os possíveis agravos à saúde psíquica desses profissionais, como a Síndrome de *Burnout* ou o estresse pós-traumático, sobretudo, face à escalada de violência ocorrida recentemente em algumas escolas brasileiras.

Para construção deste o caminho percorrido foi por meio de uma revisão bibliográfica sistemática com objetivos exploratório e explicativo. Utilizou para tratamento dos dados a abordagem qualitativa. O recorte de interesse na seleção visou identificar: um, se a base da formação de professores atual se alicerça numa educação transformadora/emancipadora, imbricada com temáticas sociais, coletivas e digitais; dois, se no levantamento está evidenciado os tipos de violência ocorridos em algumas escolas; e três, identificar as possíveis repercussões na saúde psíquica dos professores. A partir desses recortes disparados a questão norteadora deste estudo buscou-se refletir sobre “quem cuida dos professores?”. Ressalta-se a importância dessa literatura dialogar com inspiração na multirreferencialidade, uma vez que sinaliza a reflexão por meio da complexidade, diversidade e pluralidade em que o tema se encontra.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução é apresentada a metodologia, após o referencial teórico e a discussão em três sessões: 1) uma breve contextualização sobre o tema da violência no meio escolar; 2) uma discussão acerca da formação docente; e 3) um panorama sobre os ataques às escolas e os agravos à saúde psíquica dos professores; e por fim, as considerações finais.

## **2 METODOLOGIA**

O presente artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa que alcança contextos sociais humanos latentes na sociedade, situações, contextos da vida real. Assim, de acordo com Yin (2016, p.5): “O fascínio da pesquisa qualitativa é que ela permite a realização de estudos aprofundados sobre uma escolha do tema dentro da pesquisa bibliográfica requer familiaridade por parte do pesquisador” e, neste sentido, fez-se necessário resgatar autores

que apontam em seus estudos a temática da violência a partir de suas vivências, de suas práticas em sala de aula que, como os autores desse artigo, já vivenciaram nas escolas e universidades situações diversas envolvendo a violência.

É importante enfatizar todavia, que a proposta deste artigo não é realizar um levantamento bibliográfico visando o resgate do “estado da arte”, mas sim fazer um convite à reflexão a partir da abordagem qualitativa no tratamento dos dados bibliográficos encontrados.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 Breve contextualização sobre a violência no meio escolar**

A violência escolar pode ser definida como toda ação ou omissão capaz de causar danos ao patrimônio, à comunidade escolar ou a algum de seus membros (UNESCO, 2019).

Infelizmente, situações de violência, cujo alvo principal é o professor, têm crescido na última década. Em apenas 4 anos, ou seja, entre 2019 até meados de 2023 as ocorrências dobraram comparado a 15 anos anteriores (Bond, 2023). Dados da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, apud D’Agostini, 2019) apontam que o Brasil é o país que mais pratica violência contra professores no mundo.

Um dos casos mais emblemáticos no Brasil é o da catarinense Marcia Friggi (Darc, 2017), agredida e tendo tido seu caso visibilizado pelas redes sociais. Márcia já virou número, mas, também se tornou um caso a ser lembrado com tristeza e como um alerta sobre o que está acontecendo no interior das escolas. Em que pese o fato de não haver ainda um diagnóstico consolidado sobre a questão, o que ocorreu com a professora retrata o grave problema que a educação vive no contexto atual. Na verdade, não é só a educação que padece com o clima de violência, o país vive um clima de ódio e violência nos últimos anos devido a uma agenda de Estado que persiste em punir a pobreza e a negritude gerando ataques atrás de ataques aos direitos humanos.

As violências contra professores são diversas, desde físicas como psicológicas. Como se já não bastasse todo o contexto que desestimula a entrada na profissão. E, isso pode ser detectado por matérias recentes sobre a profissão docente, agora esse profissional precisa lidar com a violência no nível micro, muitas das vezes com o aluno que se julga intocável, aquele que por algum motivo lhe falta empatia, tornando-se a resistência que prejudica o coletivo em sala de aula. Este é o aluno que geralmente está em fase de transição e busca o

reconhecimento de seus pares para firmar sua identidade no coletivo. Contudo, conforme aponta Dayrell (1999)

Mas é preciso, também, levar em conta esse movimento que constitui a identidade em sua dupla dimensão: trata-se de se perceber semelhante aos outros (ser reconhecido e reconhecer) e, ao mesmo tempo, afirmar a diferença enquanto indivíduo ou grupo (Dayrell, p.99).

Sabe-se também que na relação entre professor-aluno, a influência do professor sobre a turma é muito grande, ou seja, o modo como este enxerga a turma, discursa a respeito dela, dialoga com ela ou não etc. Dayrell (1999) diz que esta influência parece ser muito emblemática quando falamos da relação entre professor e aluno.

Na ausência de alteridade tanto da parte do professor quanto dos alunos, a escola pode se tornar um espaço de inversão de valores no qual o “não” pode provocar um movimento de retaliação de aluno e seus pais, e, em casos mais extremos, violência física, ameaças, xingamentos, *bullying*<sup>5</sup> etc.

Face ao cenário de violência presente no contexto escolar, faz-se necessário trazer a discussão da formação docente. Até que ponto elementos como “violência” diz respeito aos saberes necessários para a sua prática docente? É preciso contextualizar essa formação para não ocorrer em mais uma culpabilização na carreira já desvalorizada da profissão docente.

### 3.2 A formação docente um eterno ir e vir

Sabendo que na formação inicial o futuro professor vai sendo “moldado” por outros professores faz-se necessário compreender como se dá o processo da formação desse sujeito. Os achados referentes ao termo “formação docente” vão desde o viés político até o institucional e permeiam ações, cujo foco de interesse é esse sujeito que irá atuar como docente e formar os futuros professores. Para isso, deve-se buscar entender como se constituem histórica e sociologicamente e como se envolvem nos processos formativos.

Almeida (2012) considera como “pontos de preocupação” a se pensar a formação do docente universitário. Para ela, são duas ordens de transformações no mundo contemporâneo: as transformações sociais decorrentes da globalização (e isso impacta diretamente os docentes, na medida em que eles “precisam” dar conta dessas demandas emergentes) e ainda

---

<sup>5</sup> O *bullying*, termo sem equivalente em português, é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotada por um ou mais indivíduos contra outro(os), causando dor, angústia e sofrimento. Está presente na família, na escola, no trabalho, na comunidade. Está presente na família, na escola, no trabalho, na comunidade...Mas é na escola e no trabalho que o fenômeno bullying se revela, se acentua e marca de forma indelével a alma do indivíduo, aterrorizando-o e levando-o a reações desesperadas, podendo chegar até o suicídio (Fante, 2005).

as transformações vividas pela própria Universidade. O fato é que as Instituições de Ensino Superior (IES) são organismos complexos, e o ato de ensinar sempre exigiu conhecimentos diversos. Talvez, no contexto atual, essa situação tenha ficado mais visível e intensificado as lacunas existentes no quesito “formação docente”.

Uma pergunta muito comum e normalmente discutida em espaços de debate acadêmico-científico é: como essa pessoa se torna docente? Amorim e Castanho (2008) levantam questões para tentar entender se existe ou não um momento específico que possa caracterizar essa “passagem”. Será no momento em que o(a) aluno(a) recebe o diploma da licenciatura? Será que é quando inicia o trabalho em uma instituição de ensino? Para tentar responder, resgatam Pereira (1996, p. 15-16), para quem, ser professor:

[...] não é vocação, não é identidade, não é destino. É produto de si. E a formação acadêmica caminha no sentido de buscar modos de apropriação e ativação dessa marca em consonância com as singularidades que constituem o campo de existencialização do indivíduo (Pereira, 1996, p. 15-16, *apud* Amorim; Castanho, 2008, p. 1178).

Concordamos com essa afirmação, na medida em que acreditamos que a formação se faz no caminhar. É no Ensino Superior que o professor universitário se constituiu historicamente, tendo por base a profissão paralela que exercia no mundo do trabalho antes de ingressar em uma Instituição de Ensino. Segundo Rocha e Aguiar (2012), a ideia de que “quem sabe fazer, sabe ensinar” deu sustentação à lógica do recrutamento. Assim, pode-se afirmar que essa lógica permanece atuante até os dias de hoje. Faz-se necessário superar essa visão reducionista

(...) de que basta, para se ser professor, o conhecimento da área específica a que cada docente se encontra vinculado. Isto é, é este reconhecimento de que existe um saber específico para o exercício da docência que contraria a visão de que quem sabe, automaticamente sabe ensinar e também a de que só quem sabe investigar, pode realmente ensinar (Bourdoncle; Lessard, 2002, *apud* Leite; Ramos, 2012, p. 15).

Nessa perspectiva, Zabalza (2004, p. 25) ressalta que “é necessário insistir exaustivamente que a formação deve servir para qualificar as pessoas, isto é, não é suficiente equipá-las com um perfil profissional padrão ou com uma determinada bagagem de conhecimento”. Ressalta também que essa formação deve-se dar não só no domínio dos conteúdos que irá ensinar, mas também do domínio pedagógico. A grande dificuldade está nesse alinhamento, pois a profissão docente tem muito das qualidades pessoais que se relaciona ao próprio exercício da docência (Zabalza, 2004). Vale ressaltar que associar o domínio do conteúdo ao pedagógico já é discutido por Shulman desde a década de 1980.

Cabe ressaltar que, para Shulman (2005, p. 10), “esse amálgama especial entre matéria e pedagogia constitui uma esfera exclusiva de professores, sua própria forma especial de

compreensão profissional". O conhecimento pedagógico da disciplina é essencial para que o docente desenvolva sua aula e, claro, o conhecimento pedagógico de forma geral. No entanto, a forma como o docente compreende tal conhecimento e o traduz para os alunos, ou seja, sua didática, pode ser um elemento essencial quando se pensar em entender os processos formativos para uma docência.

Considerando o caráter pessoal do ato de ensinar, vem se desenvolvendo entre os estudiosos do assunto a perspectiva de cruzar as histórias de vida dos professores com o desenvolvimento profissional da categoria docente (Xavier, 2014). As esferas do trabalho, do emprego e da formação constituem domínios pertinentes das identificações sociais dos indivíduos, sempre pensadas como configurações relativamente estáveis, mas igualmente evolutivas. Tal análise nos parece particularmente sugestiva em uma dupla direção: a relação entre biografia e identidade profissional e a relação intergeracional (Xavier, 2014). Essa autora resgata a abordagem de Dubet (2004, p. 833) sobre as profissões vinculadas à educação e, entre outras, que “leva a caracterizar a profissão docente, assim como a dos profissionais da saúde e da assistência social, como profissões que se remetem ao trabalho sobre o outro”.

Paralelamente a essa perspectiva do “trabalho sobre o outro”, durante muito tempo, a formação era concebida através das experiências da alteridade. Nesse sentido, o professor com mais tempo de magistério era “responsável em formar o outro” – no caso, o ingressante. É sabido que essa prática ainda permanece em muitos espaços acadêmicos: professores com mais anos e, conseqüentemente, mais experiência acadêmica, “adotam” os recém-chegados e, assim, repassam práticas e experiências, entre vários outros valores de vivência.

No entanto, essa formação tem ficado a desejar quando é exigido desses profissionais saberes para além da prática pedagógica e do campo específico de sua formação. Quando lhe é cobrado saberes para lidar com a violência escolar, com os desarranjos familiares e com os descompassos de forma geral do cotidiano de um ambiente escolar. Isso posto, um cenário de adoecimento vem acometendo a classe de professores que será tema do próximo tópico.

### **3.3 Ataques às escolas e os agravos na saúde psíquica os professores**

O cenário marcado pelos recorrentes ataques às escolas no Brasil tem provocado medo e disseminado pânico na comunidade acadêmica. Nesses ataques, quando o professor não é o alvo principal, ele tem se colocado, em algumas circunstâncias, como um escudo humano para proteger os alunos, sacrificando sua própria vida para poupar outras (Turkewitz, 2018).

O ato de cuidar, presente da prática docente, em que a afetividade, conforme Codo (2002), é a condição para exercer a função, pressupõe uma responsabilidade também pela

preservação da vida humana. O que pode provocar uma intensificação das atribuições no exercício profissional. Apesar de serem tratados, muitas vezes, como heróis ou mártires, qual é o custo desse ato? Será que serve de estímulo para a formação de futuros professores? Esse cenário de violência nas escolas pode ser motivo de desistência da profissão e pode surgir antes de completar a formação ou até mesmo no exercício profissional. Na medida em que o ambiente escolar, na percepção do professor, deixa de ser um lugar seguro, o seu trabalho se caracteriza como uma profissão de exposição a risco de morte.

Quando o lugar de trabalho ou a profissão se torna alvo de ataques, ameaças e mesmo de uma burocracia exagerada que não permite ao professor o ato de cuidar e ser cuidado, o stress se estabelece enquanto estágio de esgotamento psíquico do professor. Segundo Lipp (2002):

O trabalho ocupa a maior parte do tempo das pessoas. Geralmente as jornadas de trabalho são longas, iniciando-se muito cedo e podendo se estender até a noite. Há raras pausas de descanso e/ou refeições breves e em lugares desconfortáveis. O ritmo de trabalho costuma ser intenso e são exigidos altos níveis de atenção e concentração para a realização das tarefas (Lipp, 2002, p.14).

O trabalho, na concepção de Wisner (1994), exige dispêndio de, no mínimo, energia física, cognitiva e psíquica e, acrescentamos que, sobretudo a docência, requer um envolvimento afetivo na medida em que o ofício e a prática são feitos de sentimentos. Sabe-se que mesmo o professor não sendo o psicólogo da escola, ele acaba sendo o “bombeiro” que apaga o fogo proveniente dos conflitos entre crianças e adolescentes, por vezes, entre colegas de trabalho. O cotidiano docente é permeado desses conflitos, ansiedades, frustrações, uma vez que é impossível ao professor não envolver com as crianças e adolescentes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade. Além disso, existem também as dificuldades de entrosamento entre os colegas e sentimentos avessos ao trabalho coletivo como inveja e despeito, enfim, sentimentos que ignoram o profissionalismo, fazendo valer a personalidade como sendo o norte das decisões e julgamentos pessoais.

Em algumas situações, as relações conflituosas entre os docentes de uma escola podem levar ao adoecimento mental do professor, segundo Lipp (2002, p. 17): “(...) é importante que a direção da escola favoreça encontros amistosos entre todos os professores, diminuindo a tão contraproducente hostilidade”.

Acrescenta-se ainda a lógica capitalista, especialmente a do neoliberalismo educacional que tende a punir os profissionais da educação com um ambiente altamente estressante. É nesse ambiente de alta tensão que muitos professores vivem e adoecem sem que por vezes os colegas percebam, especialmente quando existe uma competição velada e

pautada nesse pessoalismo dentro desse ambiente. “Um mundo que privilegia a competição e o resultado financeiro pode ser bem receptivo para pessoas emocionalmente tóxicas (Mattos, 2021, p.93). Ainda segundo o autor:

(...) algumas pessoas de personalidade rígida que gostam de controle e operam numa lógica egocêntrica e emocionalmente fria navegam bem num ambiente hostil e impessoal em que o jogo de forças privilegia os mais competitivos (às vezes antiéticos), e não necessariamente os mais competentes (Mattos, 2021, p.93).

Assim, é possível afirmar que os ataques podem ser pensados e analisados em diferentes contextos e significados, bem como possuir múltiplas causas. E, para além disso, existe a sensação de insegurança pelas ameaças que professores por vezes sofrem, por parte de adolescentes que carregam discursos de ódio. Provavelmente são influenciados pelas mídias digitais, capazes de criar uma realidade persecutória e altamente perigosa para os professores que se tornam vítimas potenciais dessas possíveis agressões. O bullying não acontece apenas contra os estudantes, professores também se tornam alvos. De acordo com Fante (2005).

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida (Fante, 2005).

Quando se fala em fenômeno bullying, isto inclui também a questão de uma educação que considera o debate e a inserção de temas/categorias que circundam este tipo de violência nas escolas como: raça, sexualidade, corpo, apelidos, gênero, cultura etc. Ou seja, falar de bullying é falar de exclusão e perseguição dessas categorias elencadas. Discutir e trabalhar em conjunto com professores e gestores escolares buscando estratégias de combate dessa violência, que é um ataque às diversidades escolares, significa lutar por um cotidiano escolar inclusivo e consciente, logo, é uma prática que diz respeito ao reconhecimento dos direitos humanos e da cidadania.

A escola então fica sendo o lócus de uma construção prática educativa que precisa ser pautada pela diversidade, pluralidade, inclusão e socialização de modo a se tornar um ambiente acolhedor e de proteção à criança e ao adolescente. Corpo docente e gestores são os agentes nessa perspectiva de planejamento e efetivação de políticas pedagógicas visando à construção dessa educação libertadora.



É sabido que uma formação não acontece apenas no âmbito do conhecimento dos conteúdos obrigatórios que por vezes acabam por cristalizar ainda mais a concepção preconceituosa e de senso comum que parte dos alunos corroborando com um julgamento deturpado sobre raça, sexualidades, corpo, gênero entre outros temas que ainda permanecem como coadjuvantes, pouco visibilizados nos currículos escolares.

A educação é um dos instrumentos para mudança, compreensão, empoderamento e formação de sujeitos ativos na busca de seus direitos, na luta pela democracia, e respeito à diversidade, acreditam no poder da escola como espaço de formação crítico-social da sociedade. O fenômeno bullying se torna então uma das violências contemporâneas que joga contra esta inclusão embora, saibamos que este tipo de violência não é algo novo dentro do contexto escolar. Tampouco, é responsabilidade apenas desta violência a exclusão/evasão de estudantes das escolas, trata-se de uma conjectura de fatores que vai desde a estrutura arquitetônica escolar até o sistema de avaliação nacional.

Não são poucas as famílias que rejeitam o papel de responsáveis pela criação e educação dos filhos em termos de respeito, responsabilidade e acompanhamento na trajetória escolar dos jovens, delegando exclusivamente à escola essas atribuições. Assim, a negligência por parte de alguns responsáveis e os ataques de estudantes contra professores também não são raros de ocorrerem Brasil afora. Os casos divulgados, por meio das manchetes tendem a multiplicar-se e conseqüentemente, o pânico tende a se espalhar gerando confusão e crise da profissão já muito desgastada.

Somado a isso existe aquele outro ataque conhecido como: A meta. Muitas escolas têm sofrido com a obrigatoriedade de alcançarem a meta de alfabetização e tantos outros índices que a pandemia da COVID-19 escancarou como sendo um dos piores problemas para as escolas enfrentarem no pós-pandemia. Os professores assim se desdobram em malabarismos para pensarem estratégias a fim de suprir a lacuna potencializada pela pandemia. Como diz Lipp (2002):

Mas o que tem de estressante nisso? Quem convive numa sala de aula – isto é, o professor – sabe. Essas estratégias são encaixadas em uma agenda repleta de horas de trabalho. Com muita frequência, professores sacrificam seus horários de descanso e lazer ao lado da família, dedicando seus finais de semana à correção de trabalhos, provas e outras atividades do gênero (Lipp, 2002, p.19).

Logo, o excesso de trabalho nessa busca por “recuperar” o tempo perdido sob a pressão de um metas acaba gerando o burnout (“consumir-se em chamas”). O Burnout de

acordo com Lipp (2002, p. 64): “é um tipo especial de stress ocupacional que se caracteriza por um profundo sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado”. O burnout vai se expandindo para as outras áreas da vida de um professor que já se encontra fatigado com as demandas, as metas sufocantes, os conflitos no trabalho, a sensação de incapacidade e os ataques violentos físicos ou psicológicos que a profissão vem sentindo a cada dia que passa.

É importante salientar que o burnout é uma doença silenciosa que começa e aos poucos vai causando a erosão mental do professor, e, aos poucos este se vê acometido de total apatia pela profissão, o idealismo não se constitui mais como um desejo, uma paixão pela profissão que outrora já foi um dia, no início de carreira.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto é notável que a violência no contexto escolar, especificamente no trabalho docente é um fenômeno multifacetado, isto é, possui diversas origens e ela também se manifesta sob várias formas. Assim, fatores como a desvalorização, a burocracia, metas abusivas, relações interpessoais tóxicas entre os diferentes atores, entre outros, podem ser caracterizados como fontes de violência. A sua manifestação ocorre por meio de assédio moral ou sexual, pressão psicológica, negligências e ou agressões físicas.

Essa violência sugere uma crise na profissão docente em termos da falta de motivação quanto à escolha profissional, desistência por parte de alguns, bem como o tipo de formação a ser contemplada. Os agravos à saúde também não podem deixar de ser observados, provocando em certos casos um mal-estar docente, um adoecimento psíquico, esgotamento mental, despersonalização, desinteresse pelo trabalho, ou seja, sintomas da Síndrome do *Burnout*

Retomando a pergunta “Quem cuida dos professores?” face a um contexto de violências? Percebe-se que apesar de alguns avanços nos debates que têm sido conduzidos, ainda há muito o que se fazer. O professor parece estar solitário nesse enfrentamento, sem suporte emocional e psicológico permanentes. A formação também não o habilita a lidar com situações de violência, ele tem que aprender na prática.

Por fim, o combate à violência não se faz sem o esforço coletivo, sem a continuidade de pesquisas mais consistentes, com diferentes olhares para dar conta da complexidade que a temática enseja. O que podem nos fornecer pistas para a compreensão do fenômeno da

violência, os papéis que competem aos responsáveis, a identificação de estratégias de enfrentamento quanto à redução de danos e, dessa forma, resignificar o trabalho docente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais**. São Paulo: Cortez, 2012.

AMORIM, Verussi Melo de; CASTANHO, Maria Eugênia. Por uma educação estética na formação universitária de docentes. **Educ. Soc.** [online], v. 29, n. 105, p. 1167-1184, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302008000400011>>. Acesso em: 20 set. 2023.

BOND, Letycia. 2023. Brasil teve 23 ataques a escolas; mais da metade nos últimos 4 anos. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/brasil-teve-23-ataques-escolas-mais-da-metade-nos-ultimos-4-anos>> Acesso em 20 set. 2023.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

D'AGOSTINI, Ana Carolina C. Brasil lidera índices de violência contra professores. O que podemos fazer? 2019 Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/17609/brasil-lidera-indices-de-violencia-contraprofessores-o-que-podemos-fazer>> Acesso em 20 set. 2023.

DARC, Larissa. A professora Márcia Friggi tomou um soco. E nós, o que aprendemos? 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/5371/a-professora-marcia-friggi-tomou-um-soco-e-nos-o-que-aprendemos> Acesso em: 20 set. 2023.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cad. Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 539-555. dez. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742004000300002&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000300002&lng=pt&nrm=isso)>. Acesso em: 22 set. 2023.

FANTE, C. Fenômeno **Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Versus, 2005.

LEITE, C.; RAMOS, K. Formação para a docência universitária: Uma reflexão sobre o desafio de humanizar a cultura científica. *Revista Portuguesa de Educação*, n. 25, p. 7-27, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37425191002>>. Acesso em: 22 set. 2023.

LIPP, Marilda Novaes. **O stress do professor**. Campinas, São Paulo. Papyrus. 2002.

MATTOS, Frederico. **Maturidade emocional: Por que algumas pessoas agem como adultas e outras não**. São Paulo: Planeta. 2021.



ROCHA, Á. M. C.; AGUIAR, M. da C. C. de. Aprender a ensinar, construir identidade e profissionalidade docente no contexto da Universidade: uma realidade possível. **35ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)**, GT:8 Formação de Professores, Porto de Galinhas, 2012.

SHULMAN, Lee S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. Profesorado. **Revista de Currículum y Formación de Profesorado**, Granada, España, v. 9, n. 2, p. 1-30, 2005.

TURKEWITZ, J. Ataques em escolas colocam professores como escudos humanos. 2018. Disponível em: <://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/02/ataques-em-escolas-colocam-professores-como-escudos-humanos.shtml >. Acesso em: 14 abr. 2023.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>. Acesso em: 22 set. 2023.

XAVIER, Libânia Nacif. A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária. **Rev. Bras. Educ.** [online], v. 19, n. 59, p. 827-849, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782014000900002>. Acesso em: 24 out. 2015.

WISNER, Alain. **A inteligência no trabalho**. São Paulo: Fundacentro, 1994.

YIN. Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZABALZA, Miguel Angel Beraza. **O ensino universitário**: Seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004